

ANUÁRIO ' 2010

DA SUINOCULTURA INDUSTRIAL

Nº 09 | 2009 | Edição 228 | Ano 32 | R\$ 25,00



LEGISLAÇÃO AMBIENTAL ›
O SEU IMPACTO NO AGRONEGÓCIO

GRÃOS ›
ESTOQUES ELEVADOS EM 2010



SUINOCULTURA

SENTE A CRISE

Crescimento nos volumes exportados, aumento no consumo interno e melhora da produtividade ao mesmo tempo em que produtores amargam prejuízos, mercado se concentra e receita cambial despenca. Estas são as marcas de 2009, mas o que esperar de 2010?

SUINOCULTURA INDUSTRIAL
v.32, n.228, Setembro. 2009



CNPSA-117-206

MERCADO CONCENTRADO › O ano de 2009 ficará marcado pelo registro de grandes aquisições e fusões no setor mundial de carnes, tendo o Brasil como um dos principais protagonistas. Entenda o que desencadeou este processo e quais os impactos para o mercado de suínos e aves.



A SUINOCULTURA BRASILEIRA EM 2009 E PERSPECTIVAS PARA 2010

Por Marcelo Miele¹ e Jonas Irineu dos Santos Filho¹

O País soube enfrentar os efeitos da crise financeira internacional e retomou o crescimento no segundo semestre de 2009, ainda que de forma lenta. Para 2010, oferta da carne suína deve manter trajetória de crescimento verificada nos últimos anos.

Não foi bem uma marolinha², mas o País soube enfrentar os efeitos da crise financeira internacional, retomando o crescimento no segundo semestre de 2009, ainda que de forma lenta. Apesar disso, setores com significativa dependência no mercado externo e com estoques elevados no início do ano foram mais severamente atingidos. A cadeia produtiva da carne suína é um deles.

Em 2009 se configurou o cenário intermediário traçado no final de 2008³ denominado de "Ajuste à crise". Este ajuste não ocorreu nos volumes produzidos e comercializados, se transferindo para os preços e para a lucratividade. O ajuste também foi generalizado, atingindo todos os elos da cadeia produtiva, com destaque para a suinocultura.

VOLUMES EM EXPANSÃO

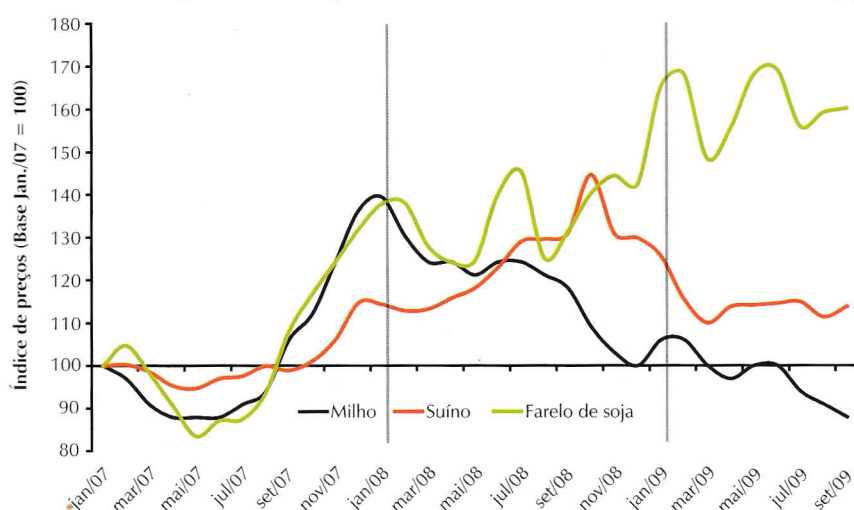
O alojamento de matrizes do rebanho industrial manteve a tendência de aumen-

to verificada nos últimos cinco anos, com um crescimento estimado em 3,4%, atingindo 1,578 milhões de cabeças em 2009. A estimativa de oferta de animais para abate cresceu mais do que proporcionalmente ao alojamento de matrizes (+6,1%) em função do aumento de produtividade (proporcionado sobretudo pelo controle da circovirose). Além disso, ocorreu uma pequena elevação no peso médio das carcaças, o que também contribuiu para uma estimativa de crescimento na oferta de carne suína do rebanho industrial em 7%, atingindo 2,873 milhões de toneladas⁴.

Os abates SIF cresceram 6,5% entre os períodos Jan-Out/08 e Jan-Out/09⁵ e as exportações devem fechar o ano com um aumento de 13,5% nos volumes comercializados, com 601 mil toneladas⁶. Esse desempenho das exportações brasileiras contrasta com o comércio internacional de carne suína, que recuou em torno de 11,1% no mesmo período. Apesar da valorização do real frente ao dólar de 27,9% desde dezembro/08, a taxa

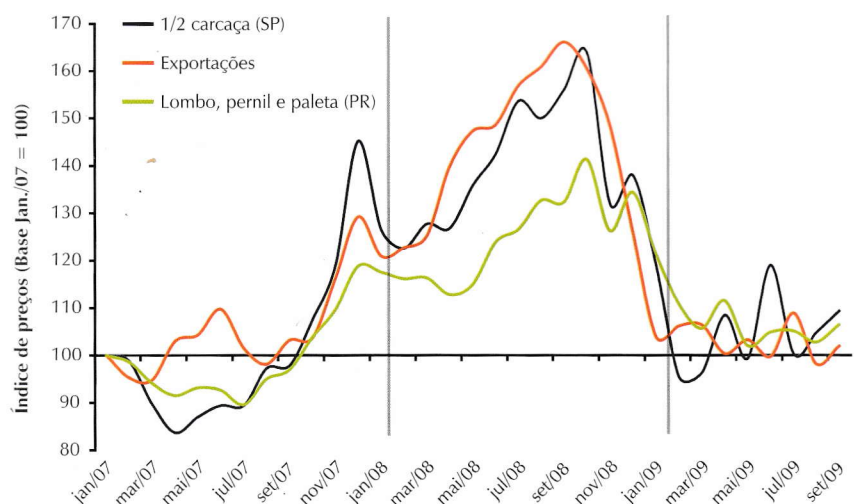


FIG. 1 – EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DO SUÍNO VIVO, MILHO E FARELO DE SOJA



Fonte: Calculado pelos autores a partir de FCV/Agroanalysis e Deral/PR

FIG. 2 – EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DAS EXPORTAÇÕES E NO ATACADO



Fonte: Calculado pelos autores a partir de Abipecs, Deral/PR e IEA/SP

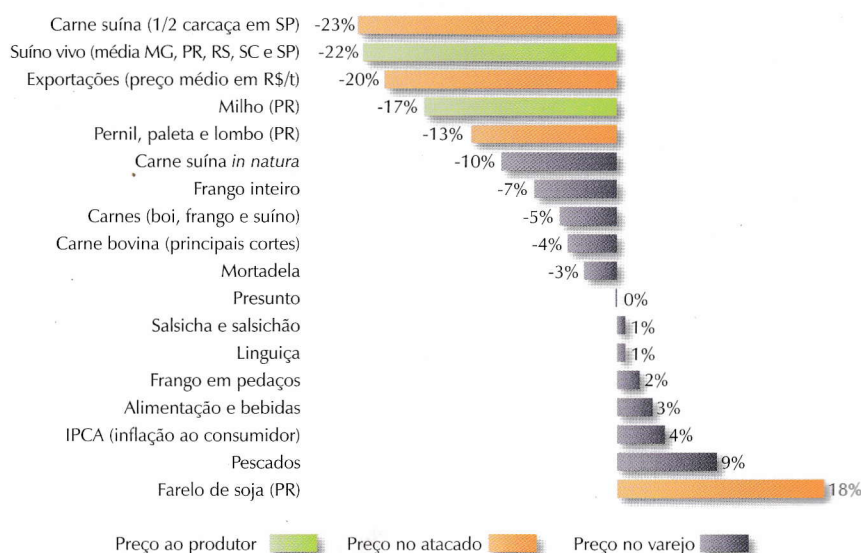
média de câmbio em 2009 (R\$ 1,99) foi maior do que em 2008 (R\$ 1,83). Nesse cenário, o País incrementou sua participação no mercado internacional⁷ e também aumentou a disponibilidade interna de carne suína e o consumo per capita.

O DURO AJUSTE À CRISE

O preço do suíno vivo nas principais regiões produtoras recuou quase 30% no auge dos efeitos da crise, seguido de uma leve melhora no segundo semestre, fechando o ano com uma queda de 22,1% (comparação entre médias de janeiro a novembro nos Estados de MG, PR, RS, SC e SP). Os impactos na renda da suinocultura só não foram maiores porque o preço do milho segue tendência de queda desde o início de 2008, o que levou a uma melhora na relação de preços suíno vivo/milho no segundo semestre de 2009. O mesmo não pode ser dito do farelo de soja, cujos preços vêm pressionando os custos de produção desde 2007. Quando se considera os efeitos combinados do milho e do farelo de soja há uma pequena melhora na relação de preços ao longo do ano (Figuras 1, 3 e 4).

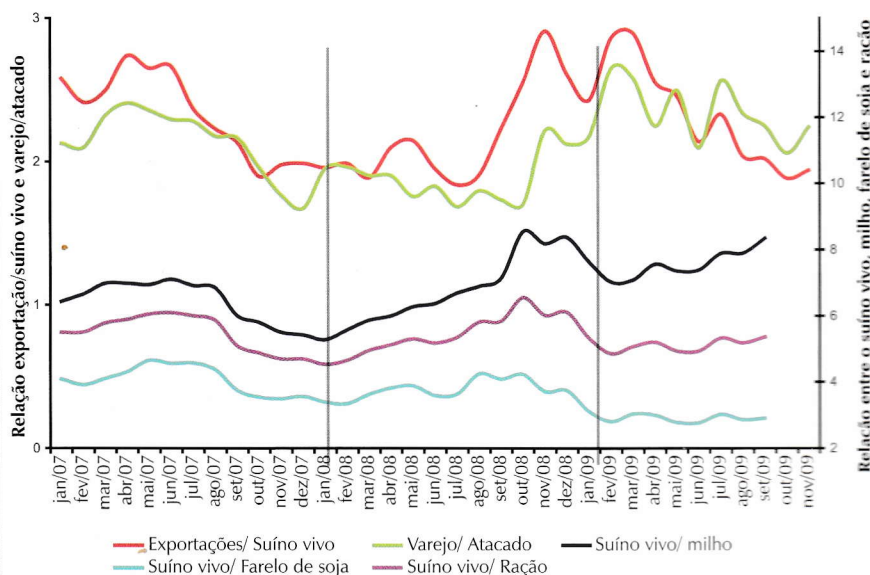
A redução no crédito e no comércio internacional provocaram forte queda no valor da tonelada exporta-

FIG. 3 – VARIAÇÃO NOS PREÇOS AO LONGO DA CADEIA PRODUTIVA



Fonte: calculado pelos autores a partir de IPCA/IBGE, Abipecs, ACCS, Acsurs, Asemg, Deral/PR e IEA/SP

FIG. 4 – RELAÇÃO DE PREÇOS ENTRE OS SEGMENTOS DA CADEIA PRODUTIVA



Fonte: calculado pelos autores a partir de Abipecs, ACCS, Acsurs, Asemg, Deral/PR, FGV/Agroanalysis e IEA/SP

da (em parte compensada pela variação cambial), reduzindo o faturamento externo em 18%, apesar do aumento nos volumes. Os preços ao atacado no mercado interno também sofreram redução (pernil, lombo e paleta no PR e 1/2 carcaça em SP), acompanhando os valores exportados e voltando aos níveis de 2007. Além disso, observa-se que a relação exportações/suíno vivo teve tendência de queda durante quase todo ano de 2009, o que indica que no segmento de abate e processamento

também ocorreu pressão de custos (Figuras 2, 3 e 4).

No varejo houve queda no preço da carne suína *in natura* de forma mais acentuada do que nas demais carnes (Figura 3). Alguns cortes bovinos e o frango inteiro puxaram os preços para baixo no primeiro semestre em função da maior disponibilidade interna, tornando a carne suína menos competitiva e pressionando o seu preço. Aliado a isso, o surgimento da Gripe A (associada erroneamente por boa parte da mídia ao consumo de carne suína) pode ter influenciado os preços ao consumidor. Entre os produtos processados verifica-se um melhor desempenho do que a carne *in natura*. Exceto a mortadela, todos os demais itens apresentaram variação de preço positiva, mesmo que abaixo da inflação ao consumidor (Figura 3).

Ao analisar a evolução nos segmentos que compõem a cadeia produtiva verifica-se que os preços ao produtor e os preços obtidos pelas agroindústrias (no atacado e via exportações) sofreram variações negativas mais acentuadas do que os preços no varejo para a carne *in natura* e produtos processados (Figura 3). Além disso, a relação de preços entre esses segmentos mostrado na Figura 4 aponta para:

- redução nas margens da suinocultura após o início da crise e pequeno crescimento a partir do segundo trimestre em patamares semelhantes a 2007 (ver relação entre o preço do suíno vivo e o preço da ração⁸);
- redução contínua nas margens das agroindústrias no mercado externo (ver relação entre o preço das exportações e o preço do suíno vivo);
- estabilidade nas margens das agroindústrias no mercado interno de carne *in natura* (relação entre o preço no atacado e o preço do suíno vivo);

- estabilidade nas margens do varejo ao longo de 2009, mas melhora em relação a 2008 (ver relação entre o preço no varejo e no atacado).

A crise financeira internacional teve impacto não apenas nos preços e margens ao longo da cadeia produtiva. O ano de 2009 também foi marcado por enormes mudanças na estrutura de mercado através de fusões e aquisições. As duas empresas líderes de mercado formaram uma nova empresa que passou a representar 28% dos abates e 39% das exportações, se consolidando como uma das líderes mundiais em alimentos. Além disso, uma empresa do segmento de carne bovina em processo de expansão e diversificação adquiriu duas importantes empresas de suínos e aves.

PERSPECTIVAS PARA 2010

A oferta de carne suína em 2010 deve manter sua trajetória de crescimento verificada nos últimos anos. Nesse sentido, há boas perspectivas no mercado interno:

- a economia brasileira deve crescer entre 4,5% e 5% no próximo ano, com destacado papel do consumo das famílias;
- a redução nos preços da carne suína verificados em 2009 pode levar a um aumento do consumo no próximo ano;
- os ajustes efetuados no alojamento de matrizes na avicultura de corte devem equilibrar a disponibilidade interna de carne de frango em 2010, não havendo pressão para queda nos preços deste produto como verificado em 2009 (o mesmo não se pode dizer da carne bovina).

Os sinais não são tão claros para o mercado externo:

- o ajuste das economias desenvolvidas frente aos efeitos da crise financeira internacional se estenderão por alguns anos, cabendo aos emergentes puxar o crescimento econômico;
- o comércio internacional crescerá pouco em 2010 e tudo indica que os preços se manterão nos patamares atuais, elevados em relação à média histórica mas bem aquém dos praticados em 2008;
- o câmbio deve permanecer nos mesmos níveis de 2009, impactando na rentabilidade das exportações mas não inviabilizando-as;
- mercados abertos recentemente como Chile, Cingapura e Filipinas podem passar a absorver parcelas maiores das exportações brasileiras.



Além disso, há ainda algumas incertezas para o próximo ano que poderão trazer desdobramentos inesperados para a cadeia produtiva:

- os estoques e as previsões de produção de milho permitem prever um abastecimento tranquilo em 2010, mas existe uma grande probabilidade do preço do milho aumentar em relação a 2009 em função dos preços do petróleo e sua relação com o etanol;
- o risco de um lamentável retrocesso na condição sanitária do rebanho bovino, com o fechamento de mercados importadores, acompanha a suinocultura brasileira ao longo dos anos, não sendo diferente em 2010;
- os órgãos de defesa da concorrência ainda não definiram o formato final da fusão entre as líderes de mercado, além disso, caso a negociação se concretize, não está claro em que medida a nova estrutura de mercado irá afetar os preços e a lucratividade dos suinocultores. 

¹ Pesquisadores da Embrapa Suínos e Aves (contatos através do e-mail marcelo@cnpsa.embrapa.br)

² Contas Trimestrais/IBGE (em www.ibge.gov.br/)

³ Anuário 2009 da Suinocultura Industrial, N.º 09'2008, Edição 219, Ano 31 (p. 14 a 18)

⁴ Levantamento Sistemático da Produção e Abate de Suínos – LSPS realizado em junho de 2008 (em www.cnpsa.embrapa.br/)

⁵ SigSIF/MAPA (em www.agricultura.gov.br/)

⁶ Abipecs (em www.abipecs.org.br/)

⁷ USDA (em www.fas.usda.gov/)

⁸ Para simplificar adotou-se que o preço da ração = 70% preço do milho + 30% o preço do farelo de soja